

Raul Brandão



Húmus



CARAMBAIA

Raul Brandão

**Húmus**

*posfácio* Leonardo Gandolfi

## Sumário

A vila	13		
O sonho	33		
A vila e o sonho	57		
Papéis do Gabiru	81		
Atrás do muro		87	
O sonho em marcha	98		
Fevereiro		120	
A mulher da esfrega			127
Papéis do Gabiru	146		
Outra vila		151	
Deus	163		
O dever	173		
A velha e os ladrões			183
Papéis do Gabiru	195		
Primavera eterna		202	
Deus	231		
Céu e inferno	238		
A árvore	256		
Papéis do Gabiru	268		
Terceira noite de luar		278	
<i>Posfácio</i>	295		

Em 2017, *Húmus* faz 100 anos. A efeméride coincide com o sesquicentenário de Raul Brandão (1867-1930), considerado um dos maiores autores portugueses do século xx. Identificado como sua obra-prima, este romance teve três versões bem distintas: uma de 1917, outra de 1921 e a terceira, de 1926, publicada pelas livrarias Aillaud & Bertrand (Paris-Lisboa). Esta edição usou como referência a última delas, retrabalhada pelo autor. A grafia foi atualizada conforme o último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e a gramática segundo as normas vigentes, buscando, entretanto, não interferir no estilo do autor. Como um diário, o romance é estruturado por datas, que em certos momentos fogem à ordem cronológica. Optou-se por manter essas supostas incongruências, de acordo com as anotações do autor na última versão do texto.

“O que tu vês é belo; mais belo o que suspeitas; e o que ignoras muito mais belo ainda.”

Dum autor desconhecido

*Ao mestre Columbano*

## A vila

13 de novembro

Ouço sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...

Uma vila encardida – ruas desertas – pátios de lajes soerguidas pelo único esforço da erva – o castelo – restos intactos de muralha que não têm serventia. Uma escada encravada nos alvéolos das paredes não conduz a nenhures. Só uma figueira-brava conseguiu meter-se nos interstícios das pedras e delas extrai suco e vida. A torre – a porta da Sé com os santos nos seus nichos – a praça com árvores raquíticas e um coreto de zinco. Sobre isto um tom denegrado e uniforme: a umidade entranhou-se na pedra, o sol entranhou-se na umidade. Nos corredores as aranhas tecem imutáveis teias de silêncio e tédio e uma cinza invisível, manias, regras,

hábitos, vai lentamente soterrando tudo. Vi não sei onde, num jardim abandonado – inverno e folhas secas – entre buxos do tamanho de árvores, estátuas de granito a que o tempo corroera as feições. Puíra-as e a expressão não era grotesca mas dolorosa. Sentia-se um esforço enorme para se arrancarem à pedra. Na realidade isto é como Pompeia um vasto sepulcro: aqui se enterraram todos os nossos sonhos... Sob estas capas de vulgaridade há talvez sonho e dor que a ninharia e o hábito não deixam vir à superfície. Afigura-se-me que estes seres estão encerrados num invólucro de pedra: talvez queiram falar, talvez não possam falar.

Silêncio. Ponho o ouvido à escuta e ouço sempre o trabalho persistente do caruncho que rói há séculos na madeira e nas almas.

15 de novembro

As paixões dormem, o riso postiço criou cama, as mãos habituaram-se a fazer todos os dias os mesmos gestos. A mesma teia pegajosa envolve e neutraliza, e só um ruído sobreleva, o da morte, que tem diante de si o tempo ilimitado para roer. Há aqui ódios que minam

e contraminam, mas como o tempo chega para tudo, cada ano minam um palmo. A paciência é infinita e mete espigões pela terra dentro: adquiriu a cor da pedra e todos os dias cresce uma polegada. A ambição não avança um pé sem ter o outro assente, a manha anda e desanda, e, por mais que se escute, não se lhe ouvem os passos. Na aparência é a insignificância a lei da vida; é a insignificância que governa a vila. É a paciência, que espera hoje, amanhã, com o mesmo sorriso humilde: – Tem paciência – e os seus dedos ágeis tecem uma teia de ferro. Não há obstáculo que a esmoreça. – Tem paciência – e rodeia, volta atrás, espera ano atrás de ano, e olha com os mesmos olhos sem expressão e o mesmo sorriso estampado. Paciência... paciência... Já a mentira é de outra casta, faz-se de mil cores e toda a gente a acha agradável. – Pois sim... pois sim... Não se passa nada, não se passa nada. Todos os dias dizemos as mesmas palavras, cumprimentamos com o mesmo sorriso e fazemos as mesmas medidas. Petrificam-se os hábitos lentamente acumulados. O tempo mói: mói a ambição e o fel e torna as figuras grotescas.

Reparem, vê-se daqui a vila toda... Lá está a Adélia, o Pires e a Pires como figuras de cera. Ninguém mexe. Num canto mais escuro a prima Angélica não levanta a cabeça de sobre a meia. Tanta inveja ruminou que

desaprendeu de falar. Chega o chá, toma o chá, e apega-se logo à mesma meia, a que mãos caridosas todos os dias desfazem as malhas, para que ela, mal se erga, recomece a tarefa. Um dia – uma semana – um século – e só o pêndulo invisível vai e vem com a mesma regularidade implacável – pra a morte! pra a morte! pra a morte!

Passou um minuto ou um século? Sobre o granito salitroso assenta outra camada denegrada, e as horas caem sobre a vila como gotas de água de uma clepsidra. De tanto ver as pedras já não reparo nas pedras. A morte roda na ponta dos pés e ninguém ouve seus passos. Todos os dias os leva, todos os dias toca a finados. O nada à espera e a D. Procópia a abrir a boca com sono, como se não tivesse diante de si a eternidade para dormir. Tudo isto se passa como se tudo isto não tivesse importância nenhuma, tudo isto se passa como se tudo isto não fosse um drama e todos os dramas, um minuto e todos os minutos...

Não há anos, há séculos que dura esta busca de três – e os gestos são cada vez mais lentos. Desde que o mundo é mundo que as velhas se curvam sobre a mesa do jogo. O jogo banal é a busca – o jogo é o da morte... O candeeiro ilumina e a sombra rói as fisionomias, a majestosa Teodora, a Adélia, a Eleutéria das Eleutérias, o padre. Salienta-se do escuro uma boca que remói, a

da D. Biblioteca: os padres exaltam-na, a Igreja exalta a sua caridade, que rebusca a desgraça para lhe dar três vinténs. Só distingo, despegadas dos crânios, as orelhas do respeitável Elias de Melo e do impoluto Melias de Melo, lívidos como dois fantasmas. Ambos regulam a consciência como quem dá corda a um relógio. Dívidas são dívidas. A D. Leocádia põe acima de tudo o seu dever, e leva para casa uma órfã a quem sustenta e que lhe entrapa as pernas. A luz do candeeiro ilumina-lhe as mãos ósseas e secas que enchem a sala toda e o mundo todo... A D. Procópia odeia a D. Biblioteca, mas nem ela sabe o que está por trás daquele ódio, contido pelo inferno. Toda a gente se habitua à vida. Matar matava-a eu, mas várias palavras me detêm. Detêm-me também um nada... Chegamos todos ao ponto em que a vida se esclarece à luz do inferno. Mas ninguém arrisca um passo definitivo.

Tudo isto parece que flutua debaixo de água, que esverdeia debaixo de água. Não sei bem se estou morto ou se estou vivo... Decorre um ano e outro ainda. O relento sabe bem, e o tempo passa, o tempo gasta-as como o salitre aos santos nos seus nichos. Se o desespero aumenta não se traduz em palavras.

As velhas com o tempo adquiriram a mesma expressão, com o tempo chegaram a temer um desenlace.

Debruçadas sobre a mesa as figuras não bolem. Não bolem outras figuras que se envolvem no escuro, e o que me interessa não são as palavras do padre – Jogo; – nem o que a Adélia diz baixinho a Eleutéria, para que a velha temerosa ouça: – A nossa Teodora está cada vez mais moça!... – o que me interessa são as figuras invisíveis: é a dor dessas figuras imóveis, e sobre elas outra figura maior, curva e atenta, que há séculos espera o desenlace.

A vila petrifica-se, a vila abjeta cria o mesmo bolor. Mora aqui a insignificância e até à insignificância o tempo imprime caráter. Moram na viela íngreme e cascosa, que revê umidade em pleno verão, velhas a quem só restam palavras, presas, alimentadas, encarniçadas, como um doido sobre uma coroa de lata que lhe enche o mundo todo. Mora dum lado o espanto, do outro o absurdo. E todos à uma afastam e repelem de si a vida. Mora aqui a Teles que passa a vida a limpar os móveis, só e fechada com os móveis reluzentes, talvez resto dum sonho a que se apega com desespero, e velhas só medidas, só baba, só rancor. Ter uma mania e pensar nela com obstinação! Criá-la. Ter uma mania e vê-la crescer como um filho!... Mora aqui a D. Restituta, sempre a acenar que sim à vida, e a Úrsula, cuja missão no mundo é fazer rir os outros.

Cabem aqui seres que fazem da vida um hábito e que conseguem olhar o céu com indiferença e a vida sem sobressalto, e esta mixórdia de ridículo e de figuras somíticas. Mora aqui, paredes meias com a colegiada, o Santo, que de quando em quando sai do torpor e clama: – O inferno! o inferno! – Moram as Teles, e as Teles odeiam as Souzas. Moram as Fonsecas, e as Fonsecas passam a vida, como bonecas desconjuntadas, a fazer cortesias. Moram as Albergarias, e as Albergarias só têm um fim na existência: estrear todos os semestres um vestido no jardim. Moram os que moem, remoem e esmoem, os que se fecham à pressa e por dentro com uma mania, e os que se aborrecem um dia, uma semana, um ano, até chegar a hora pacata do solo ou a hora tremenda da morte.

Mora aqui o egoísmo que faz da vida um casulo, e a ambição que gasta os dentes por casa, o que enche a existência de rancores e, atrás de ano de chicana, consome outro ano de chicana. Cabem aqui dentro as velhas cismáticas, atrás de interesses, de paixões ou de simples ninharias, dissolvendo-se no éter, e logo substituídas por outras velhas, com as mesmas ou outras plumas nos penantes, com os mesmos ou outros ridículos, fedorentas e maníacas; os homens a quem se foram apegando pela vida fora dedadas de mentira,

prontos para a cova – e o Gabiru e o seu sonho. Cabe aqui o céu e as lambisgoias com as suas medidas, a morte e a busca de três. E cabe aqui também uma velha criada, que se não tira diante dos meus olhos. Obsidiane. Carrega. Obedece. Serve as outras velhas todas. A Joana é uma velha estúpida.

Serviu primeiro na vila, serviu depois na cidade. Serviu com uma saia rota, as mãos sujas de lavar a louça, uma camisa, os usos e seis mil réis de soldada. Lavou, esfregou, cheira mal. Serviu o tropel, a miséria, o riso, que caminha para a morte com um vestido de aparato e um chapéu de plumas na cabeça. Para contar fio a fio a sua história bastava dizer como as mãos se lhe foram deformando e criando ranhuras, nodosidades, côdeas, como as mãos se foram parecendo com a casca duma árvore. O frio gretou-lhas, a umidade entranhou-se, a lenha que rachou endureceu-lhas. Sempre a comparei à macieira do quintal: é inocente e útil e não ocupa lugar. A vida gasta-a, corroem-na as lágrimas, e ela está aqui tal qual como quando entrou para casa da D. Hermengarda. Faz rir e faz chorar. Já ninguém estranha – nem ela – que a Joana aguente, e a manhã a encontre de pé, a rachar a lenha, a acender o lume, a aquecer a água. Há seres criados de propósito para os serviços grosseiros. Por dentro a Joana é só

ternura, por fora a Joana é denegrida. A mesma fealdade reveste as pedras. Reveste também as árvores.

É uma velha alta e seca, com o peito raso. O hábito de carregar à cabeça endireitou-a como um espeque, o hábito das caminhadas espalmou-lhe os pés: a recoveira assenta sobre bases sólidas. Parece um homem com as orelhas despegadas do crânio e olhos inocentes de bicho. É destas criaturas que dão aos outros em troca da soldada o melhor do seu ser que se apegam aos filhos alheios e choram sobre todas as desgraças. Ainda por cima dedicam-se, e quando as mandam embora, porque não têm serventia, põem-se a chorar nas escadas.

Mal se compreende que, depois de uma vida inteira, esta mulher conserve intacta a inocência de uma criança e o pasmo dos olhos à flor do rosto. Trambolhões, fome, o frio da pobreza – o pior – e, apesar de amolgada, com uma saia de estamemha, no pescoço peles, as mãos gretadas de lavar a louça, uma coisa que se não exprime com palavras, um balbuciar, um riso... Misturou à vida ternura. Misturou a isto a sua própria vida. Aqueceu isto a bafo.

Tem as mãos como cepos.

16 de novembro

Debaixo destes tetos, entre cada quatro paredes, cada um procura reduzir a vida a uma insignificância. Todo o trabalho insano é este: reduzir a vida a uma insignificância, edificar um muro feito de pequenas coisas diante da vida. Tapá-la, escondê-la, esquecê-la. O sino toca a finados, já ninguém ouve o som a finados. A morte reduz-se a uma cerimônia, em que a gente se veste de luto e deixa cartões de visita. Se eu pudesse restringia a vida a um tom neutro, a um só cheiro, o mofo, e a vila a cor de mata-borrão. Seres e coisas criam o mesmo bolor, como uma vegetação criptogâmica, nascida ao acaso num sítio úmido. Têm o seu rei, as suas paixões e um cheirinho suspeito. Desaparecem, ressurgem sem razão aparente dum dia para o outro num palmo do universo que se lhes afigura o mundo todo. Absorvem os mesmos sais, exalam os mesmos gases, e supuram uma escorrência fosforescente, que corresponde talvez a sentimentos, a vícios ou a discussões sobre a imortalidade da alma.

Sempre as mesmas coisas repetidas, as mesmas palavras, os mesmos hábitos. Construimos ao lado da vida outra vida que acabou por nos dominar. Vamos até à cova com palavras. Submetem-nos, subjagam-nos.

Pesam toneladas, têm a espessura de montanhas. São as palavras que nos contêm, são as palavras que nos conduzem. Toda a gente forceja por criar uma atmosfera que a arranque à vida e à morte. O sonho e a dor revestem-se de pedra, a vida consciente é grotesca, a outra está assolapada.

Remoem hoje, amanhã, sempre, as mesmas palavras vulgares, para não pronunciarem as palavras definitivas. Toda a gente fala no céu, mas quantos passaram no mundo sem ter olhado o céu na sua profunda, na sua temerosa realidade? O nome basta-nos para lidar com ele. Nenhum de nós repara no que está por trás de cada sílaba: afundamos as almas em restos, em palavras, em cinza. Construimos cenários e convenciamos que a vida se passasse segundo certas regras. Isto é a consciência – isto é o infinito... Está tudo catalogado. Na realidade jogamos a bisca entre a vida e a morte, baseados em palavras e sons. E, como a existência é monótona, o tempo chega para tudo, o tempo dura séculos. Formam-se assim lentamente crostas: dentro de cada ser, como dentro das casas de granito salitroso, as paixões tecem na escuridão e no silêncio teias de escuridão e de silêncio. Na botica sonolenta ao pai sucede o filho sobre o tabuleiro de gamão. Quero resistir, afundo-me. Começo a perceber que o hábito é

que me fez suportar a vida. Às vezes acordo com este grito: – A morte! a morte! – e de balde arredo o estúpido aguilhão. Choro sobre mim mesmo como sobre um sepulcro vazio. Oh, como a vida pesa, como este único minuto com a morte pela eternidade pesa! Como a vida esplêndida é aborrecida e inútil! Não se passa nada! não se passa nada e eu sinto aqui ao lado outra vida que me mete medo e que não quero ver! Essa vida talvez seja a minha verdadeira vida. Mas o pior é que eu percebo que, se se apodera de mim, não posso mais viver. Agarro-me com desespero ao hábito e às palavras. Tu não existes! tu não existes! O que existe é isto com que lido todos os dias, as palavras que digo todos os dias, os seres com quem falo todos os dias. – E tu rodeias-me, tu reclamas-me e queres viver comigo para todo o sempre. Não te posso ver!...

Se há momentos em que o caixão que um galego leva às costas me chama à realidade, ao espanto, desvio logo o olhar e reentro à pressa na vida comezinha. Finjo que sorrio e esqueço. Mas sempre não posso! Ano atrás de ano não posso! Não há mais nada! não há mais do que estas figuras paradas, e as horas verdes que de espaço a espaço caem como gotas de água no fundo dum subterrâneo. Outro ano ainda! outro passo ainda para a morte! Sinto uma dor sem gritos por trás da immobili-

dade. Cada hora é menos uma hora na minha vida. E o tempo foge, o tempo cor de mata-borrão que ao granito salitroso junta camada denegrida, e às almas sepultadas outra pazada de cinza... Há momentos em que as figuras têm tanta vida como os santos imóveis nos seus nichos – mas há momentos em que cada um redobra de proporções, há momentos em que a vida se me afigura iluminada por outra claridade. Há momentos em que cada um grita: – Eu não vivi! eu não vivi! – Há momentos em que deparamos com outra figura maior que nos mete medo. A vida é só isto? Por mais que queira não posso desfazer-me de pequenas ações, de pequenos ridículos, não posso desfazer-me de imbecilidades nem deste ser esfarrapado que vai de polo a polo. Tenho de aturar ao mesmo tempo esta ideia e este gesto ridículo. Tenho de ser grotesco ao lado da vida e da morte. Mesmo quando estou só o meu riso é idiota. E estou só e a noite. Por trás daquela parede fica o céu infinito. Para não morrer de espanto, para poder com isto, para não ficar só e o doido é que inventei a insignificância, as palavras, a honra e o dever, a consciência e o inferno.

E ainda o que nos vale são as palavras, para termos a que nos agarrar.

É então um mundo de fórmulas a que eu obedeco e tu obedeces? Sem ele não poderíamos existir. Se víssemos o que está por trás não podíamos existir. O nosso mundo não é real: vivemos num mundo como eu o compreendo e o explico. Não temos outro. Estamos aqui como peixes num aquário. E sentindo que há outra vida ao nosso lado, vamos até à cova sem dar por ela. E não só esta vida monstruosa e grotesca é a única que podemos viver, como é a única que defendemos com desespero. – Pois sim... pois sim... – Estamos aqui a representar. Estamos aqui todos ao lado da morte e do espanto a jogar a bisca de três. Estamos aqui a matar o tempo. Este passo, que é único e um só, damo-lo como se fosse uma insignificância. Mais fundo: não existem senão sons repercutidos. Decerto não passamos de ecos. Submeto-me, subjugas-me. Já não reparo, já vejo turvo. – Jogo! – E de repente todo o meu ser é sacudido pelo espanto que tateia à minha roda. Raras vezes entramos em contato, mas sinto-o aqui ao meu lado – sem nos chegarmos a entender. Nem quero! nem quero! Se me alheio um momento dou um grito de dor. Escaldo-me.

Na verdade o que eu não posso é ver, o que eu não quero é ver! A vila regula-se por hábitos e regras seculares – mas há outra coisa enorme para lá do cenário de

que me rodeio. Para não ter medo criei eu isto, para a não ver criou o Santo o inferno. Há outra coisa esfarrapada e dorida. – Jogo! – Cada vez me sinto mais reles, cada vez as palavras me parecem mais gastas. Há outro ser que vai de polo a polo... Esta figura grotesca não é a minha figura. O salitre roeu os santos nos seus nichos – roeu-os também o sonho... Curvado sobre a mesa repito os mesmos gestos inúteis para não desatar aos gritos. – Jogo! – Isto para fingir que é indiferente o que nos rodeia, que estamos habituados ao que nos rodeia, que sorrimos ao que nos rodeia! Está ali a morte – está aqui a vida – está aqui o espanto – e só a ninharia consegue deitar raízes profundas.

20 de novembro

Fecho os olhos. A chuva desaba interminavelmente do céu, e na luz turva vejo sempre a vila, com as mesmas figuras de museu sentadas na mesma sala... Insignificância, insignificância, insignificância. Portas chapeadas que rangem nos gonzos como portas de prisão, fachadas com os vidros partidos, e uma, duas, três camadas de pó sobrepostas. Lojas térreas de onde vem um bafo úmido que trespassa... Como todas as almas, todas as

janelas estão perras, e o tempo vai substituindo uma figura por outra figura, uma pedra por outra pedra. Ponho-as em fila diante de mim, com os seus penantes usados, grotescas e maníacas. Considero. Vejo vir os gestos, as cortesias, as ações do confim dos séculos. Isto é nada – é vulgar e cotidiano. É uma aparência.

A vila é um simulacro. Melhor: a vida é um simulacro.

Atrás desta vila há outra vila maior. A lentidão, o gesto usado, a meia-tinta mesmo em plena luz toldam-me a visão. Sobre cada ser caiu uma camada de pó. A vila é isto – e a vila não é isto. Que me importa a Adélia, um dia de inveja, um dia de aquiescência, um sorriso, baba, mesura atrás de mesura? Outra velha mexe por trás desta velha mesquinha. As letras assinadas, as letras protestadas deste ser absorto, o exagero minúsculo têm outra significação. A realidade é a manha, a astúcia que cada um põe em jogo. Não há velhas com cartas na mão; há orgulho, soberba, inveja paciente. Há intuitos, cautela de quem caminha na ponta dos pés. Há forças e experiência, avareza e astúcia. E mais fundo outro, outro subterrâneo... Todas as palavras que se empregam têm, além da significação banal, uma significação que cada um pesa e calcula – e outra significação

superior. Há palavras que requerem uma pausa e silêncio, e há palavras que é preciso afundar logo noutras palavras. Há pelo menos dois seres neste homem que toda a gente conhece, pautado, regrado, metódico. Ele e o doido morto por fazer esgares. Ele e o doido que só consegue comprimir à força de pontualidade. Esta velha não é a velha com quem lidamos – é outra. Tem tido um trabalhão para fazer mal, nunca conseguiu fazê-lo. Se se arrisca, há de contar consigo mesma para se contrariar. É uma discussão que não acaba, com a boca amarga, arrependimento – e por fim não realiza uma catástrofe autêntica que a engrandeça. Curvada sobre o lar remexe sempre as mesmas cinzas frias...

Todos se defendem. Por isso existe uma certa grandeza em repetir todos os dias a mesma coisa. O homem só vive de detalhes e as manias têm uma força enorme: são elas que nos sustentam.

Reparo melhor na vida secreta e na vida subterrânea. Compreendo como é difícil viver todos os dias e todas as horas, como através de tudo é forçoso seguir um fio invisível – e ser reles e sorrir. Gasta-me uma força superior, e com todas as chagas e todos os vícios, com a vida mesquinha e a vida cotidiana, o nada, o penante usado, o fel e o vinagre, tenho de arcar com

uma coisa imensa de que me separa apenas um tabique. Tudo o que faço é um arremedo. Está ali outra coisa quando falo, quando me calo, quando me rio. E falo mais alto porque a ouço mexer... Todos suportam o drama de todos os dias, o cinzento de todos os dias, as aflições e a usura que tornam as figuras ridículas e coçadas. Todos suportam os tratos que envelhecem e preparam para a cova, os pequenos interesses, a inveja, a ambição, a dor física. Todos os dias a Hermengarda amarga os brasões da Biblioteca, a Bisbórrria todos os dias cisma na sua respeitabilidade, e aturam o azedo que pouco e pouco se deposita nas almas – e com isto uma coisa desconforme, que se levanta e deita conosco, não se tira do nosso lado, em quem ninguém fala e com quem temos por força de coabitar; diante de quem é forçoso ser vulgar e dissimulado, fazendo que a não vemos e com ela à cabeceira da cama...

Atrás da insignificância andam os céus, os mundos, os vagalhões dourados. Anda o desespero. Anda o instinto feroz. Atrás disto andam as enxurradas de sóis e de pedras, e os mortos mais vivos do que quando estavam vivos. Atrás do tabique e das palavras andam a Vida e a Morte e outras figuras tremendas. Atrás das palavras com que te iludes, de que te sustentas, das

palavras mágicas, sinto uma coisa descabelada e frenética, o espanto, a mixórdia, a dor, as forças monstruosas e cegas.

Em certas ocasiões, se as palavras e a insignificância desaparecessem da vida, só ficava de pé o espanto.

Só a insignificância nos permite viver. Sem ela já o doido que em nós prega tinha tomado conta do mundo. A insignificância comprime uma força desabalada.

Para não ver, para não ouvir, é que nos curvamos sobre a mesa de jogo. Para te não ouvires a ti mesmo, para não veres o que te gasta a todos os minutos e a todas as horas, usura imensa que não sentes e que te vai levar para o escantilhão sôfrego, que te vai mergulhar no silêncio profundo. Usura de todos os instantes. Gasta-nos, desgasta-nos. E todos os dias acordamos mais velhos, todos os dias acordamos mais inúteis. Todos os dias acordamos com mais fel. E todos os dias com mesuras, sem gritos de terror, nos curvamos sobre esta mesa de jogo, não vendo, fingindo que não existe, o espanto que está ao nosso lado, e o espanto pior que trazemos conosco. Chama-se a isto o cotidiano. Isto não tem importância nenhuma. Com isto enchemos

a vida até chegar a morte. Esta mesa de jogo é a nossa existência vulgar, a vida de todos os dias, com o galope da outra vida ao lado. Não se passa nada! não se passa nada! No verão o calor sufoca, de inverno a mesma nuvem impregna o granito, e apegase, amolece, dissolve pilares das janelas, casebres e a oliveira da praça, só tronco e duas folhinhas cinzentas. Em volta um círculo de montanhas, descarnadas e atentas, espera a tragédia – e as montanhas não desistem. De quando em quando, na solidão que à noite redobra, caem do alto da Sé as badaladas, uma a uma, pausa a pausa. O som tem um peso desconforme.

Estamos aqui todos à espera da morte! estamos aqui todos à espera da morte!

## O sonho

6 de dezembro

Chove. Cada vez vejo mais turvo, cada vez tenho mais medo. Estamos enterrados em convenções até ao pescoço: usamos as mesmas palavras, fazemos os mesmos gestos. A poeira entranhada sufoca-nos. Pega-se. Ade-re. Há dias em que não distingo estes seres da minha própria alma; há dias em que através das máscaras vejo outras fisionomias, e, sob a impassibilidade, dor; há dias em que o céu e o inferno esperam e desesperam. Pressinto uma vida oculta, a questão é fazê-la vir à supuração.

Esta manhã de chuva é um minuto no rodar infinito dos séculos, e os seres que passam meras sombras. Tudo isto me pesa e pesa-me também não viver. Do fundo de mim mesmo protesto que a vida não é isto. A árvore cumpre, o bicho cumpre. Só eu me afundo